



ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO
PAULO - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Consumo e Estilos de Vida no Capitalismo Contemporâneo

aluna: Maria Paula Viccário Achôa
orientadora: Profa. Gisela Taschner



Índice

	PÁGINA
INTRODUÇÃO	1
1. A vida material das pessoas reflete suas características sociais	4
2. Uma relação especial: os costumes da vida na corte	9
3. Consumo, atividades e classes sociais	12
3.1. Vida urbana e mudanças no consumo	12
3.2. Influências de classes no consumo	14
3.3. Habitações: vida doméstica e consumo	16
3.4. Alimentação	21
3.5. Uso de Utensílios	24
3.5.1. uso de utensílios às refeições	25
3.5.2. utensílios para o chá: a porcelana	26
CONCLUSÃO	28

INTRODUÇÃO

O projeto no qual participo é parte de um plano de estudo da professora Gisela Taschner sobre consumo e estilos de vida no capitalismo contemporâneo.

O objetivo mais amplo do projeto consiste basicamente no conhecimento do modo pelo qual se vem formando uma cultura - ou culturas - do consumidor, incluindo-se aí a verificação da maneira pela qual hábitos atuais de consumo em vestuário, ou até mesmo em mobiliário vêm se formando.

A técnica utilizada baseia-se em pesquisa bibliográfica voltada para a evolução do consumo em países do Primeiro Mundo a partir do século XVII.

Conforme o cronograma, foi feito nos três primeiros meses um levantamento bibliográfico do período em questão nas bibliotecas da EAESP-FGV, Faculdade de Administração e Economia da USP e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Nos outros meses até o presente organizei o material coletado procedendo ao fichamento dos textos considerados mais relevantes, conforme conversas com o orientador e a pré seleção daí resultante. Essa seleção prévia inclui os seguintes textos:

Engel, James F. - *Consumer Behavior*

The Ohio State University, 7º edição 1993 846p.

Weinwer, Martin J. - *English Culture and the Decline of the Industrial Spirit 1850-1980*

Featherstone, Mike - *Consumer Culture and Post Modernism*

Londres, Sage, 1991

Morin, Edgar 1921 - *Cultura de massas no século XX: (o espírito do tempo)*

(trad. port.)

Elias, Norbert - *O Processo Civilizador*

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990 2V.

Elias Norbert - *A Sociedade de Corte*

Lisboa: Estampa, 1987 240p.

Weatherill, Lorna - *Consumer Behavior and Material Culture in Britain 1660-1760*

Routledge, Londres, 1988 252p.

McCracken, Grant - *Culture and Consumption*

Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 1990

Preteceille, Edmo - *Capitalism, Consumption and Needs*

1985

Baudrillard, Jean - *Sociedad de Consumo: sus mitos, sus estructuras*

co-autoria: Bassols, Rosa Maria (trad.) 1974

Katona, George - *Powerful Consumer: Psychological Studies of the American Economy*

1960

Bronner, Simon Josef - *American Material Culture and Folklife: a prologue and dialogue*, 1992

Kohler, Carl - *História do Vestuário*

co-autoria: Sichart, Emma Von/ Camargo, Jefferson Luís (trad.) 1993

Cantor, Norman F. & Werthman, Michael S. - *The History of Popular Culture to 1815*

The Macmillan Company, New York, NY, 1968 - 402p.

Burke, Peter/ Bottman, Denise - *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*, 1989

St. George, Robert - *Material Life in America 1600-1860*
Northeastern University Press, Boston, 1988

Aries, Philippe - *História da Vida Privada*

São Paulo: Cia. das Letras, 1991 5V.

co-autoria: Chartier, Roger

Após a análise bibliográfica ficou constatado que os padrões de consumo são manifestações dos estilos de vida e valores das pessoas e das forças que atuam sobre eles. Como analisa Pierre Bourdieu, "*gosto, propensão e aptidão à apropriação é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida*". Os estilos de vida, por sua vez, remetem ao *habitus* de cada grupo social.

Assim, a análise dos padrões de consumo de uma sociedade diz respeito aos estilos de vida dos diferentes grupos sociais de uma sociedade numa determinada época. Uma mudança nessa sociedade pode alterar os estilos de vida e com isso os padrões de consumo.

¹Bourdieu, Pierre - "Gostos de classe e estilos de vida" in Ortiz, R. (org.) Pierre Bourdieu. Col. Grandes Cientistas Sociais, Vol. 39, São Paulo, Ática, 1983. p. 83

1. A vida material das pessoas reflete suas características sociais

Primeiramente, deve estar bem claro que o comportamento do consumidor deve ser estudado e discutido num contexto de uma vida econômica e social e não isoladamente.

A expressão “vida material” denota ações repetidas e processos empíricos. As mudanças ocorrem vagarosamente mas sem parar. Dinheiro e cidades são fatores responsáveis por parte do crescimento contínuo e algumas inovações são de importância decisiva. “Vida material”, em outras palavras, é a expressão das relações sociais, da força do conhecimento “tradicional” proveniente dos ritmos familiares, de trabalho e de lazer. Para tanto, deve-se fazer um levantamento da “cultura material”, a qual remete às crenças, valores, idéias, atitudes de uma comunidade particular ou sociedade numa determinada época.

A análise da cultura material é realizada por historiadores de arte, arquitetos, decoradores, cientistas e tecnólogos; a premissa básica retida por eles é que os objetos feitos ou modificados pelo homem refletem, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, as crenças dos indivíduos que os fazem e, após comprados e usados, mudam as crenças da sociedade a qual eles pertencem.

Segundo Robert Blair St. George², pode-se dividir por categorias os produtos que se modificam através da cultura:

1. Arte - pinturas, desenhos, esculturas, fotografias
2. Diversão - livros, brinquedos, jogos, refeições, performances teatrais
3. Enfeites/Adornos - jóias, roupas, estilos de cabelo, cosméticos, tatuagens, outras alterações do corpo.
4. Modificações do Espaço - arquitetura, planejamento da cidade, agricultura.

² St. George, Robert Blair
Material Life in America 1600-1860
Northeastern University Press, Boston, 1988 p.18

5. Artes aplicadas - móveis, mobília, equipamentos, recipientes

6. Aparelhos - máquinas, veículos, instrumentos científicos, instrumentos musicais, implementos

A evidência de estilos pode ser encontrada em todos os modos de expressão cultural, seja ela verbal, comportamental, ou material, sendo que esta decorre de um processo pouco consciente,³

Os objetos são comparados de acordo com suas características, de acordo com processos de conceituação, percepção, fabricação, uso e distribuição.

Simon Josef Bronner em sua obra “American Material Culture and Folklife: a prologue and dialogue”⁴ defende a idéia de que se deve analisar o objeto no contexto que normalmente opera, uma vez que a existência tangível dos objetos faz com que haja tendência a remover o artefato de sua situação natural para examinar detalhes de sua existência. Nessa perspectiva, o objeto é tratado como “completo”; é visualizado como estático, ordenado e concluído. O comportamento humano, especialmente na cultura material, é caracterizado por processos e movimentos. Sendo assim, a premissa que o estudo dos objetos está ligado à existência social, intelectual e espiritual, implica que nós precisamos considerar o artefato como um processo relacionado a influenciar sistemas, o que inclui social, político, psicológico e econômico. Precisamos entender o artefato quando inserido em seu “habitat” natural e de seus fabricantes e usuários; todos objetos precisam ser conhecidos pela necessidade e significados que carregam.

Enfim, para entender objetos e as relações que representam melhor, precisa-se ter o artefato em perspectiva. Saber suas fontes e as idéias que abriram caminho para a sua criação, “design” e uso. Reconhecer as forças sociais e intelectuais que eles carregam.

Pare para notar e veja que a anatomia de nosso corpo tem se tornado objeto de desenho e manipulação. Um exemplo disso é quando falamos que um avião tem nariz, violões têm pescoço, canetas têm cabeças.

³ idem, ibidem, p.20

⁴ Bronner, Simon Josef - *American Material Culture and Folklife: a prologue and dialogue* 1992, cap.1

Portanto, o objetivo do autor passa a ser o de investigar a relação:

- de pessoas para coisas,
- de coisas para pessoas e
- de pessoas umas com as outras.

A vida material é feita de coisas tangíveis usadas ao longo do tempo e espaço. É arte, arquitetura, alimentação, vestimenta, mobiliário, entre outros. É mais do que isso, é a interação desses objetos nas vidas diárias das pessoas e comunidades. Pois, como afirma Bronner, “pessoas associam objetos com épocas e experiências particulares, grupos sociais e situações, além de associá-los também a paisagens e locais”.⁵

Existe um número de variáveis que formam um paralelo de discussão do papel do status social, ocupação, riqueza, local de residência e mudanças ao longo do tempo. Produtos materiais foram, e ainda são, indicativos do comportamento e atitudes. Eles têm importância simbólica assim como atributos físicos e usos práticos; variam desde mobiliário básico e utensílios (mesas, potes de cozimento, artigos de estanho) até coisas mais recentes como porcelana. Muitos deles como facas e garfos ou utensílios para bebidas quentes, apontaram mudanças graduais nos hábitos de comer e beber. Livros e relógios mostram interesses culturais do lar (família) e indicam contatos com o restante do mundo.

Assim, como mostra Weatherill⁶, de 1675 a 1725 a Inglaterra sofreu bruscas mudanças, algumas baseadas na expansão manufatureira e outras no aumento das importações de itens de consumo. A maior prosperidade se deu em 1680's e 1690's, mas foi em 1695 que ela realmente se manifestou com o aumento da frequência de aquisição da maioria dos produtos, novos e conhecidos.

⁵ idem, ibidem, cap.1

⁶ Weatherill, Lorna - *Consumer Behavior & Material Culture in Britain 1660-1760*
Routledge, Londres, 1988 - 252p. cap.2

Havia uma grande variação na procura de certos produtos, dependendo do lugar de análise; essa variação decorre de desiguais mecanismos econômicos, comerciais e sociais no trabalho, o que fazia com que novos produtos estivessem mais prontamente disponíveis em alguns lugares e não em outros. Os fatores que proporcionam essa variação podem ser a existência de uma cidade "major" (principal), ou de portos, ou fontes minerais, ou ainda facilidades de transporte; os valores dos produtos, por sua vez, podem *variar* conforme regiões são mais urbanizadas ou não, se existem vários comerciantes ou não.

O crescimento na obtenção de produtos é baseado nas novas propostas que têm a oferecer. Cerâmica e porcelana eram utensílios voltados para bebidas quentes, já o uso de novos utensílios de mesa tiveram crescimento da procura mais lento. Isso confirma a necessidade de examinar cuidadosamente como produtos foram usados e os papéis que preencheram nas vidas das pessoas que os possuíram.

Atividades como cozinhar, comer, beber, educar crianças, fazer visitas e ler tiveram uma profunda influência na vida material e cultural das famílias. O espaço era usado de forma coerente, com móveis apropriados e utensílios para atividades comunitárias ou individuais; valores ligados a algumas dessas atividades, tais como comer e beber, alteraram-se em função de haver de contatos sociais. Esses valores são refletidos nos utensílios utilizados; isso pode ser exemplificado com a introdução de novos artigos de mesa, a qual proporcionou mudanças nos hábitos alimentares e de bebidas, e até, em certas famílias, salas mobiliadas separadas para as refeições.

É possível enxergar, conforme a classe social da família, distinções em alimentação, vestimenta, subsistência, mobiliário, gastos diversos. Mudanças no tamanho e estrutura da família tiveram algumas influências óbvias nos modelos de gastos (a classe média precisa estar extremamente atenta em manter o equilíbrio entre receita e despesas urgentes para sobreviver).

Além dessas considerações, muito pode ser explicado sobre as diferenças nos padrões de consumo se a rede de comércio for levada em conta.⁷

⁷ idem, *ibidem*, cap. 3

- deve-se considerar o comércio de retorno de produtos domésticos ou outros para algumas áreas que proporcionam um volume muito grande de produtos para o mercado da cidade “major”.
- no caso da obtenção de utensílios, deve-se examinar a coincidência entre essa aquisição e as oportunidades que o mercado oferece, como por exemplo, obtenção de utensílios para bebidas quentes e o número de vendedores de chá e café da área.
- considerar variações entre ofertas locais de produtos domésticos.

2. *Uma relação especial: os costumes da vida na corte*

A partir do Renascimento a importância da corte foi aumentada em todos os países da Europa. A organização das cortes europeias do século XVII e XVIII se inspirou basicamente na da corte francesa (corte de Luís XIV). O estudo da vida nas cortes são importantes para nós porque os hábitos de consumo que eles desenvolveram espalham-se depois, com variações maiores ou menores, para as demais classes sociais.

Segundo Norbert Elias ⁸, "corte" era considerada uma sociedade uma vez que tal estrutura tinha iniciativa, vontade ou intenções individuais ou de um grupo de pessoas; trata-se de um órgão urbano específico, modela a sociedade, mas não determina as estruturas sociais da sociedade ocidental.

As cortes buscavam tudo o que era necessário para seus membros desfrutarem de um certo conforto. Desejavam novos meios para satisfazer as necessidades de um gosto mais requintado e luxuoso, o que levava a favorecer o desenvolvimento de um forte artesanato e da oferta necessária ao funcionamento da vida luxuosa da corte.

Na França toda a questão das despesas relativas ao consumo de bens e o "custo" desse consumo comparando-se com a receita é voltada para o aumento de prestígio e êxito social, ou seja, há uma adequação das despesas domésticas e do consumo em geral prioritariamente à posição social, ao estatuto, ao prestígio que se tem ou a que se aspira.

Ainda nesse contexto, foi levantada a questão de que a base necessária para a sociedade de corte era a presença de uma multidão de servidores e criados domésticos.

No século XVII e XVIII na corte francesa, na sociedade pré-industrial, era mais valorizada a riqueza obtida sem trabalho, a riqueza proveniente de domínios herdados. As elites desprezavam o trabalho para ganhar dinheiro e o dinheiro ganho através do trabalho. Foi baseado exatamente nesses fatos que Montesquieu descreveu a monarquia francesa como "ociosa, avarenta e acompanhada por orgulho, desejo de crescer

⁸ Elias, Norbert - "A Sociedade de Corte"
Imprensa Universitária, 57 - Lisboa: Estampa, 1987 240 p.

ricamente sem trabalho, aversão à verdade, desprezo aos deveres de cidadão, apreensão à virtude do Príncipe e esperança de sua fraqueza”.⁹

Vale ressaltar aqui que a aristocracia do Antigo Regime francês e a nobreza inglesa são analisadas de forma distinta: a nobreza inglesa foi produto da hereditariedade e tradição de diferente formação, a monarquia inglesa foi, na sua origem e desenvolvimento, fundamentalmente outra que a monarquia francesa. Uma comparação feita por Norman F. Cantor¹⁰, baseada no papel no parlamento, a nobreza inglesa continuou a ser o poder direto no país; ao passo que a nobreza francesa não dirigia nada.

Para o homem da "boa sociedade" (corte) do Antigo Regime, o arranjo do parque da casa, a decoração dos quartos, a moda, as relações distintas e elegantes entre marido e mulher eram exigências vitais da vida social, isso tudo porque a arte de observar os outros tinha uma importância muito grande para cortesãos.

A partir daqui observa-se a adequação perfeita das atitudes, dos gestos calculados e das frases com vários sentidos, tudo isso usado como instrumento para competição pelo status e prestígio.

A sociedade burguesa transformou bastante os modos de sobrevivência da alta sociedade de corte. Devido ao fato de no século XVIII ter se desenvolvido a separação entre vida profissional e privada, tudo o que era referente ao domínio privado, à decoração da casa, às relações entre sexos, os gostos artísticos, a mesa e as festividades, já não eram moldados segundo as relações sociais de forma direta e sim em função das preocupações e dos interesses profissionais daquele que queria decorar o espaço da sua vida privada, ou das pessoas que tinham como profissão a organização dos lazeres dos outros.

A marca principal da sociedade de corte dos séculos XVII e XVIII é que muitas coisas sobreviveram ainda nos séculos XIX e XX, tais como móveis, quadros, vestuário, formas de saudação, etiqueta social, de teatro, poesia ou mesmo das casas onde moram.

⁹ Cantor, Norman F. & Werthman, Michael S. - *The History of Popular Culture to 1815*
The Macmillan Company, New York, NY, 1968 402p. p. 229

¹⁰ idem, *ibidem*, p.227

Na França, a sociabilidade e a vida cultural tinham entrado num lento processo de descentralização, pois após a Revolução, constituiu-se durante o Império outra sociedade centrada na corte napoleônica; mas as maneiras dessa não podiam ser comparadas com as da anterior. A vida mundana culta e o bom gosto passaram, portanto, a depender da herança do século XVIII. As novas tarefas dos homens situavam-se nesse período noutros domínios: os aristocratas, homens de finança, cavaleiros e epígonos passaram a constituir a corte.

Nessa sociedade de corte, a posição social, a hereditariedade, antigüidade da linhagem, dinheiro que se tinha ou recebia, proezas como chefe militar, o espírito e as boas maneiras, as belezas do rosto, enfim, tudo se transformava em oportunidades de prestígio e determinava o lugar de cada um na hierarquia da sociedade de corte.

"Ao invés de materializar e objetivar tudo o que é pessoal, a sociedade de corte personalizava os objetos porque o que os interessava eram as pessoas e suas inter-relações".¹¹

¹¹ Elias, Norbert - "A Sociedade de Corte"
Imprensa Universitária, 57 - Lisboa: Estampa, 1987 p.35

3. Consumo, atividades e classes sociais

3.1. vida urbana e mudanças no consumo:

A vida urbana se desenvolveu concentrando atividades de lazer e outras facilidades para que as pessoas se encontrem e se relacionem. E tornou mais facilmente disponível a oferta de muitos produtos.

A vida urbana foi elemento importante na formação dos atuais hábitos de consumo. Dependendo do setor da economia em que trabalham, as pessoas estão propensas a adquirirem um número maior ou menor de bens de consumo e bens de tipos distintos também. No setor primário há uma propensão menor para a aquisição de produtos, já as pessoas que trabalham no setor terciário apresentam maior propensão para a compra de produtos e principalmente os que estiverem mais próximos e acessíveis. Assim, alguns produtos como fotos, óculos, cortinas eram mais comuns em cidades onde o comércio e as oportunidades para o consumo eram maiores.

Nas cidades há uma quebra nos modelos "tradicionais" de comportamento e consumo e novas idéias e novas maneiras de vida são introduzidas. Isso se dá pelo fato de que as áreas urbanas tiveram maiores concentrações de manufactureiros, artistas, negociadores e serviços.

Foi no século XVIII que consumo e sociedade se condensaram formando a "sociedade de consumo". Analisando a vida urbana inglesa, gastos com diversão passaram a ser cada vez maiores, havendo também propagação de anedotas sobre prazeres consumistas de riqueza¹², além dos excessos de quem quer sempre estar vestido na moda. Esse contexto chamou a atenção dos comerciantes para satisfazer esse tipo de demanda, desencadeando assim, uma procura e entusiasmo por novos produtos e serviços cada vez maiores no final do século XVIII.

¹² obs.: Vale ressaltar aqui que o consumismo é um conceito que não se aplicava na primeira metade do século XVII e nem para a maioria da classe média da época.

Como a manufatura se tornou mais especializada e concentrada, alguns itens eram obtidos mais facilmente em algumas áreas, sendo assim, o consumo dos produtos nessas áreas de melhor obtenção era maior, uma vez que as pessoas são mais orientadas para o consumo em certas áreas do que em outras; é por esse motivo que certas regiões tinham maior consumo de certos produtos (por exemplo: relógios) se comparado com outras

Um exemplo dessa situação pode ser descrito através da região noroeste da Inglaterra, onde houve um grande desenvolvimento na produção têxtil, baseada na produção doméstica de roupas de linho. Houve também aumento do consumo de relógios, cerâmica, óculos e pequenos utilitários de metal.

A obtenção de livros era grande devido ao fato de estar associada ao grande valor originado pela separação religiosa local baseada na leitura de escrituras, resultando no aumento da literatura em geral.

A partir do momento que a oferta de produtos importados foi limitada, a aquisição desses produtos tornou-se menos freqüente. Isso mostra que eram consumidos os artigos que estivessem disponíveis e não porque eram estritamente necessários.

Apesar de tudo as rotinas das famílias não eram sistematicamente diferentes em diferentes partes do país, embora alguns detalhes de o que se comia e como se cozinhava realmente variavam. A classe média gastava pouco e somente na família e outros rituais. Eles não se comportavam como as típicas "sociedades tradicionais" (corte), onde grandes somas eram gastas em festejos ou celebrações. Isso foi assimilado depois como um degrau essencial no crescimento de uma sociedade de consumo orientada para que as pessoas pudessem destinar recursos à roupas e artigos manufaturados.

3.2. influências de classe no consumo

Foi analisando as grandes famílias da nobreza do campo inglesa entre os séculos XVII e XVIII, que Lorna Weatherill¹³ percebeu que os gastos com comida eram os mais importantes nessa classe. Esses gastos consistiam na compra de ovos, carne, queijo e peixe (pouco gasto com pão branco). Os gastos com vestimenta também eram muito importantes, as roupas eram feitas sob encomenda, como sapatos e outros acessórios eram comprados já prontos.

Um montante equivalente ao gasto com roupas era voltado para conforto da família: móveis e utensílios. A diferença entre os gastos da nobreza e os das famílias de outras classes sociais era o gasto com as coisas associadas às conexões frequentes e variadas com o mundo externo (gastos com viagens, encontros locais, visitas - as visitas eram mais frequentes quanto maior fosse a família).

Mesmo com toda riqueza e grau social da nobreza, os produtos decorativos, fotos, óculos, porcelana e mesmo estanho, cerâmica e caçarolas eram menos frequentemente encontrados em seus inventários se comparado com os negociantes de classes mais baixas. Era comum encontrar móveis muito mais caros nas casas da alta nobreza. Havia certo interesse na compra de livros e publicações de tipos variados para que pudessem trocar informações com nobreza de outros lugares.

As pessoas passaram a copiar umas às outras por razões sociais. Na Inglaterra, mercados para produtos industrializados estavam aptos a se desenvolverem porque a partir do século XVI não existia mais uma legislação para ^{impedir} ~~prevenir~~ pessoas de possuírem o que queriam, não impedindo ~~porém~~ que copiassem o comportamento das classes altas, as vestimentas e posses que esses últimos possuísem¹⁴

¹³ Weatherill, Lorna - *Consumer Behavior and Material Culture in Britains 1660-1760* Routledge, Londres, 1988 252p.

¹⁴ Hecht afirma que o emprego de serviçais por pessoas mais ricas ajudou a espalhar novas idéias e hábitos para as classes mais baixas. (Hecht, J.J. - *The Domestic Servant in Eighteenth Century England* (1956) Londres, 1980 pp.200 - 28).

Já na França, como analisa Simon Josef Bronner¹⁵, essa situação era diferente, principalmente no que diz respeito à questão de vestuário. O nobre francês do século XVII se portava e se vestia como um Nobre Francês, não podendo ser confundido como um nobre espanhol, por exemplo. Em outras palavras, a diferenciação social em função da vestimenta caracteriza duas funções essenciais: une pessoas de um status étnico e social particular, bem como serve como um fator integrante de um dado grupo, diferenciando-o de outros grupos. Um exemplo disso é o fato de que as pessoas que viviam nas cidades não podiam se vestir como os nobres, o mesmo acontecendo com o clero e os militares, os quais também apresentavam suas maneiras próprias de se vestirem.

Essas diferenças em vestimenta, caracterizando as pessoas de acordo com sua profissão, classe, país, nacionalidade, tiveram força maior na época do feudalismo. Dá para se entender esse fato, a partir do momento que se reconhece o feudalismo pela existência da predominância da autoridade do senhor feudal, apresentando uma forte hierarquia de subordinação de classes, além do advento de um regionalismo tradicional.

Com o advento do capitalismo e sociedade de consumo, essas diferenças perdem sua força e vão caracterizar mais diferenças de estilos de vida. Atualmente somente figuras espirituais, policiais, trabalhadores prestadores de serviços e ocasionalmente professores e artistas, vestem-se com seus “uniformes”, possibilitando a distinção frente aos demais através da roupa que usam. Isso mostra que a vestimenta está perdendo gradualmente sua função de diferenciação social. Torna-se cada vez mais difícil de se identificar uma pessoa de uma classe social específica, profissão, religião ou nacionalidade, se nos basearmos na roupa que essa pessoa esteja vestindo. Essa é uma característica da sociedade contemporânea, a qual tem seus fundamentos na manifestação externa de crescimento generalizado da mobilidade social.

No decorrer do relatório será desenvolvida uma análise mais detalhada da vida doméstica, basicamente no tocante às mudanças no consumo de utensílios, bem como mudanças nos próprios estilos das habitações, suas arquiteturas e decorações.

¹⁵ Bronner, Simon Josef - *American Material Culture and Folklife: a prologue and dialogue* 1992, p.86-87

3.3. habitações: vida doméstica e consumo

A história da residência pode ser vista como o desenvolvimento de duas relações primárias:¹⁶

1. A correlação, ou a oposição de “casa” e “tudo fora da casa”
2. A alocação de partes do domicílio para pessoas de “fora”, ou seja, aquelas que não moram na casa.

Ambos são aspectos da relação social e funções sociais sem o coletivo “nós”. Sendo assim, uma habitação (residência) pode unir indivíduos, e, por outro lado, dividi-los.

A habitação dos homens de corte dá-nos uma visão segura e clara de algumas das relações sociais da sociedade de corte.

Na França, segundo Norbert Elias, a grande maioria dos homens de corte tinha um apartamento na “casa do rei, ou seja, no Palácio de Versalhes, e um “hôtel” em Paris.¹⁷

Nota-se que os locais destinados aos serviços e alojamento de pessoal estavam rigorosamente separados dos alojamentos privados e dos salões de recepção.

Os quartos de dormir do dono e da dona da casa eram precedidos por antecâmaras (a existência destas, por sua vez, simbolizavam de algum modo, a “boa sociedade”, ou melhor dizendo, a corte). Em cada uma das alas de um “hôtel” existem dois “apartamentos privados”, um para o dono e outro para a dona da casa. Um deles fica à esquerda e outro à direita do pátio de aparato, frente um ao outro; são praticamente idênticos. Esses quartos dispõem de um gabinete onde, depois da “toilette”, podem receber visitas, bem como uma antecâmara e um “guarda-roupa”. Esse

¹⁶ *idem*, *ibidem*, p.89

¹⁷ Hôtel = expressão francesa que se refere a casa do rei e dos príncipes e residência urbana da alta nobreza.

contexto caracteriza uma relação muito "fria" e mais social do que amorosa entre o casal da corte.

Isso tudo significa que "as conveniências, as convenções, as exigências de representação social acarretam um certo número de contato entre os esposos".¹⁸

As relações entre homem e mulher na sociedade burguesa têm sua expressão na vida do "lar" e no conceito de "família". Na alta nobreza de antigo regime caracterizam-se na noção de "casa".

A distância que separa os apartamentos privados permite avaliar a natureza das relações conjugais dos seus acupantes. A disposição dos salões e salas de recepção reflete a inserção na sociedade da época.

A habitação burguesa é dividida em zonas privadas e zonas profissionais, uma vez que há uma divisão de apartamento para visitas íntimas e outro para visitas oficiais.

Os homens pertencentes a camadas privilegiadas e em especial os aristocratas de corte (lugar superior da escala), tendo à frente os príncipes e os "grandes", vivem uma vida mais "pública", uma vida consagrada à "society", à "vida mundana". Todos que evoluem fora deste círculo levam uma vida "particular". Os que pertencem aos vários grupos profissionais são "marginais", são os "pequenos". As suas habitações não têm caráter público (como os "hôtels" e palácios), as famílias nada têm de representativo. Trata-se apenas de "casas particulares".

No que diz respeito às visitas, o homem de corte é obrigado a receber muito mais gente que o burguês e a sua residência está adaptada às suas necessidades, mesmo porque as diferentes arquiteturas das habitações correspondem às diferentes funções sociais e conseqüentemente o consumo de utensílios para casa são diferentes principalmente no tocante aos artigos de decoração.

"A decoração deverá ajustar-se à função social do proprietário".¹⁹

¹⁸Elias, Norbert
A Sociedade de Corte
Lisboa: Estampa, 1987 240p. Imprensa Universitária, 57 p.27

¹⁹idem p.35

A título de exemplo tomou-se a habitação dos militares: caráter marcial, corpos retilíneos, arquitetura inspirada na ordem dórica. Já as habitações do homem de Igreja têm um estilo coerente nunca desmentido pela frivolidade dos motivos ornamentais. No caso do magistrado, há uma disposição das formas e distribuição das partes, idéia de valor e urbanidade.

Os princípios que presidiam à construção das casas para as camadas inferiores eram:

- simetria,
- solidez e
- economia

Se observarmos os tempos atuais, esses princípios ainda são considerados indispensáveis em todas as construções. Pelo fato desses critérios serem destinados às camadas inferiores, a ênfase dada ao fator "economia" foi expressiva na rentabilidade e emprego dos materiais (essa situação era completamente diferente da corte, a qual fazia questão de não fazer economia, já que até o fim do século XVIII era depreciativa para o aristocrata da corte).

As dimensões e a decoração da casa não dependiam da riqueza do proprietário mas única e exclusivamente da posição social e da obrigação de se "representar" que dela decorre. A mentalidade que transparece destas regras é hierárquica (a hierarquia das habitações e símbolo de hierarquia social).

No século XVIII os burgueses franceses, a começar pelos intelectuais, têm acesso à alta sociedade. Adotam os traços distintivos perante os demais e o distinguem do que fica mais abaixo: o código de boas maneiras, a unidade da cultura e do espírito, da delicadeza e a universalidade do "bom gosto". Foi através destas qualidades visíveis que os membros da "sociedade" foram se distinguindo das massas.

Isso é uma amostra que as maneiras ("cultura") da corte passaram a se propagar para outras classes (no caso, a burguesia).

O desejo de se diferenciar, de se distinguir dos que não fazem parte de seu grupo, de marcar com nitidez as diferenças sociais, encontra a sua expressão verbal em palavras como "valor", "consideração", "distinção".

Bronner²⁰ observou o aspecto social da diferenciação sexual no tocante às residências, principalmente americanas: as mulheres costumam ficar em casa mais que os homens, sendo que estes últimos gastam uma boa parte de seu tempo diário fora de casa, ou seja, durante seu trabalho, viagens, e durante período de lazer, onde passa nos cafés e clubes, a esposa e as crianças costumam ficar em casa. O conforto doméstico, portanto, aparece sob as “mãos e gostos femininos”. Com isso, nota-se que os produtos para casa devem ser voltados para a satisfação principalmente dos gostos femininos.

No século XVII encontravam-se nas casas inglesas mesas de refeições muito simples, com poucas ornamentações, cortinas não eram usadas, cadeiras de braço e tapetes eram encontrados em muito poucas casas, onde poucas peças de móveis eram encontradas..

Podemos interpretar os papéis sociais de algumas posses observando o uso do espaço e relacionando os valores que foram colocados em atividades do ponto de vista de ambos os tipos de produtos que foram achados em diferentes partes da casa e dos tipos de atividades que lá tiveram lugar.

As salas eram usadas para diferentes propósitos porque diferentes valores foram adotados para diferentes partes do espaço. Em casas pequenas, basicamente no fim do século XVI e início do século XVII, a sala de estar inglesa era composta por móveis e equipamentos para todas as atividades da família como mesas, cadeiras, equipamento de cozinha, dispensa, artigos de estanho e outros produtos associados à vida do dia-a-dia. Na Inglaterra não existiam camas na sala de estar, já na Escócia camas de armar ou embutidas eram comuns de serem encontradas no mesmo local. Podia-se encontrar na sala cental artigos de decoração, pinturas, relógios de parede, ou até mesmo livros. Quartos eram comuns em todas as casas onde eram usados para dormir e para depósito. Na Escócia, casas maiores que aquelas que continham apenas cozinha e sala também continham quartos separados destinados para depósito e para dorir (esses quartos geralmente eram esparsamente mobiliados com alguns objetos decorativos).

A mais interessante mudança que ocorreu na Inglaterra no século XVII foi que a sala de visitas passou de alguns assentos e depósito para a melhor sala de estar da casa,

²⁰ Bronner, Simon Josef - *American Material Culture and Folklife: a prologue and dialogue* 1992, p.93

contendo objetos de decoração e novos tipos de mobiliário. O fato dessa mudança foi o surgimento de comerciantes urbanos e, a partir daí começou a surgir uma classe que se destacava mais dentre as outras, passando a receber mais visitantes (o que se tornou prática comum mais adiante).

Tendo mudado ou não, a mobília e os utensílios da casa são derivados da "cultura material" da vida doméstica, e essa, por sua vez, está associada com as funções práticas e propostas sociais das famílias. Dá para se interpretar as características da mobília das casas dos trabalhadores urbanos de 1885 a 1915 para desenhar conclusões nas atitudes da vida desses trabalhadores, resultantes da Revolução Industrial.

Já no caso dos Estados Unidos, o aspecto social das residências está no fato de haver cooperação e divisão do trabalho durante a construção da casa, onde também estarão explícitas as diferenças de classes. Outra característica social da residência é que possibilita o ato de delimitar as partes da casa para a vida da família, como também o desenvolvimento de crenças relacionadas à residência.

Portanto, como analisa Simon Josef Bronner em sua obra "American Material Culture and Folk Life: a prologue and dialogue", o microespaço doméstico (interior da residência) varia geograficamente e historicamente. Isso se dá em função da correlação de tempo gasto pelo homem na sua casa e fora dela e às vezes das condições climáticas, das formas de atividades econômicas, do modo de viver, e de vários outros fatores sociais.

Analisando a questão norte-americana (Estados Unidos), onde a maior parte das casas localizam-se em regiões de baixas temperaturas, a residência desenvolve um papel materialista mais vital, onde as atividades externas como caça, pesca, são mais restritas devido às condições climáticas, levando os indivíduos a depositarem uma atenção maior tanto na vida familiar quanto na própria casa.

Dentro da vida doméstica há um item que merece um comentário específico: a alimentação. A partir daí será possível analisar mais profundamente como hábitos de consumo são influenciados pelos estilos de vida das pessoas, como o fato de diferenças

nos hábitos alimentares serão responsáveis pelo consumo de certos utensílios de mesa ou mesmo mobiliário

3.4. alimentação

Bronner²¹ em sua análise constatou que o “ritual” destinado à atividade de se alimentar, não é dado pela sua composição material mas sim devido a sua realização no papel social. “Comida” não só une indivíduos, como também os divide; dependendo da sua função na integração social. Essa situação tornou-se mais visível principalmente a partir do século XVII, quando as pessoas passaram a realizar visitas com mais frequência e, principalmente os nobres, passaram a ter necessidades de manter maiores contatos.

Analisando os Estados Unidos hoje, dá para se notar claramente que as refeições não se apresentam como fator que una os indivíduos. A maior parte dos norte-americanos não são capazes de após uma refeição continuarem à mesa conversando, talvez pelo fato de ainda defenderem a idéia de que “tempo é dinheiro”. Já no caso da França, o momento da refeição não passa de um ritual onde as pessoas procuram conversar, trocar idéias e se atualizarem.

Mesmo em países mais desenvolvidos da Europa e América, entre os séculos XVIII e XIX a mesa de jantar era o lugar definitivo onde se conservava a segregação de classes: o dono da casa não senta-se à mesa com um empregado doméstico, nem o supervisor da fábrica com seus trabalhadores, ou seja, a “high society” não se mistura com os “populares”. Além disso, deve-se considerar todas as proibições e limitações nos atos de comer e beber com bases nas estruturas sociais e temporais (rapidez). À primeira vista isso pode ser notado quando proibições temporárias ou permanentes se relacionam a uma comida em particular, a partir daí a relação do homem com essa comida é expressa, caracterizando assim a relação com um objeto material. O fato de

²¹ idem, ibidem, p.81

possuir o objeto, como demonstra Bronner²², não mostra a relação do homem com esse objeto, mas sim a relação das pessoas entre si mediada por esse objeto.

Todos os costumes ligados à comida, juntamente com os métodos de sua preparação e consumo, crenças e rituais ao se cozinhar essa comida, seu reflexo no folclore, tudo isso está ligado não só a propriedades materiais, mas também a seu significado simbólico como forma de integração ou alienação humana.

A atividade de cozinhar apresentava um papel central, para preencher necessidades essenciais físicas e simbólicas. Não era uma atividade voltada para o público ou status, e sim para manter saúde e conforto.

Na Inglaterra, as cozinhas se tornaram de grande importância no fim do século XVII e foram integradas na parte principal do prédio, mas não eram usadas para jantares formais ou para dormir, como ocorria no fim do século XV e século XVI.

Para contrastar essa situação, no meio do século XVII halls e salas eram usados para cozinhar, no século XVIII esses halls foram mobiliados e usados como entradas para as casas maiores.

Como a atividade de cozinhar era considerada uma atividade central em termos práticos e simbólicos, usava-se a sala de estar para realizar tal atividade, além do que, essa área apresentava-se mais conveniente.

Lorna Weatherill²³ constatou que as pessoas da classe média inglesa costumavam comer comidas simples, mas bem preparadas. Poucas famílias tinham tempo e facilidades para produzir molhos elaborados, tortas e outras coisas encontradas em livros de receitas.

Comparando-se esse fato aos costumes franceses, nota-se que na França são apresentados pratos “prontos”, bem elaborados, ao passo que os Ingleses comem tudo que é produzido “naturalmente”, ou seja, sem molhos e sem muitas especiarias.

²² Bronne, Simon Josef - “American Material Culture and Folklife: a prologue and dialogue”
1992

²³ Weatherill, Lorna - *Consumer Behavior and Material Culture in Britain 1660-1760*
Routledge, Londres, 1988

Na Inglaterra, o maior costume era comer carnes (cozida ou grelhada, principalmente). Para grelhar eram necessários espetos (grelhas) que eram girados manualmente.

O cozimento da comida era feito numa tigela sobre o fogo - era conveniente, uma vez que a tigela podia ser usada sobre qualquer tipo de fogo e em qualquer sala.

A produção de pães era mais especializada: eram assados em um forno, dentro ou fora da casa. Os fornos representam um investimento fixo na cozinha, pois podem ser usados para todos os tipos de outros pratos.

Esses fornos só foram instalados nas casas das ricas famílias inglesas por volta de 1700 e não eram ainda comuns em 1730. A produção de tortas e pães era confinada às grandes famílias.

O sentido social da preparação de comida, analisando-se o século XVIII principalmente, consistia na responsabilidade da esposa ou da mulher que cuidasse da casa e não dos empregados domésticos. As mulheres, mesmo pertencentes à nobreza, tinham que ser capazes de cozinhar, mesmo que nunca o tivessem feito.

Lavar e limpar eram atividades de baixo status (o que já não ocorria com a atividade de cozinhar), sendo assim, as mulheres da nobreza não exerciam tais atividades..

O “ritual” da alimentação, como já mencionado anteriormente, proporcionou a ocorrência de mudanças tanto nos hábitos alimentares, quanto nos costumes na hora das refeições. Essa mudança fez com que novos utensílios se tornassem cada vez mais necessários e essenciais no dia a dia das famílias no que diz respeito à praticidade, como também no tocante à própria vida social dessas pessoas.

3.5. uso de utensílios

Produtos como cerâmica, travessas de estanho, pratos de estanho e óculos tiveram um crescimento de procura muito grande entre 1675 e 1725 na Inglaterra, como analisa Lorna Weatherill. Até metade do século XVIII os pratos eram de estanho, não sendo comum o uso de pratos de porcelana ou cerâmica.

Os costumes na hora da refeição mudaram. Por exemplo, durante os séculos XV e XVI, a classe média inglesa principalmente, tinha o costume de comer de forma "comunitária", ou seja, na mesma travessa, depois a preferência passou para o uso de pratos individuais, menores. Agora as diferenças entre formato e tamanho começam a influenciar e como também o valor dos utensílios: travessas eram normalmente mais caras que os pratos (uma vez que têm tamanhos maiores). O rápido crescimento na obtenção de pratos indica, como muitos outros produtos, mudança no comportamento nas refeições.

Utensílios e outros produtos mudaram mais rápido em estilo do que o mobiliário, já que podiam ser substituídos mais facilmente. No século XVIII houve um grande aumento na disponibilidade de porcelana, tornando-se padrão no século XVIII.

Na primeira metade do século XVII as casas inglesas possuíam esparsos produtos móveis. Lorna Weatherill, em sua obra *Consumer Behavior and Material Culture in Britain 1660-1760*, constatou um aumento no consumo de utensílios domésticos e mobiliário no início do século XVIII sendo que algumas casas apresentavam uma vasta variedade de utensílios e miudezas.

Num exemplo de três mil inventários da classe média inglesa do século XVII, 13% possuíam cortinas, 13% pinturas, 4% artigos decorativos de porcelana. Os ricos comerciantes de Londres obtinham esses produtos com mais frequência, mas deve-se ressaltar aqui que essas pessoas eram exceção, pois eram mais ricos, o que os possibilitava possuírem mais produtos novos e de decoração. Com isso nota-se que no século XVII essas casas não possuíam muitos ornamentos e que o uso de cortinas não era frequente. Vale ressaltar também que as mesas de refeições, ainda nessa época,

eram bastante simples, sem muitos utensílios e, além disso, cadeiras de braço e tapetes também não eram muito encontrados.

Alguns itens novos como produtos para chá, ou facas e garfos, eram diferentes de tudo o que já havia estado disponível desde antes, e o uso deles modificou a aparência física dos espaços de estar.

3.5.1. uso de utensílios às refeições

O uso de utensílios nas refeições pode ser visto examinando a forma na qual cada comida era servida e os valores que eram dados às refeições. Na nobreza inglesa, basicamente entre os séculos XV e XVII, o indivíduo podia ter seu próprio prato, sendo que o alimento era comido com faca e "mãos"; contudo, alguns tipos de comida eram pegos diretamente de uma grande travessa e não servidos no próprio prato da pessoa.

O uso de facas e garfos veio gradualmente para as mesas das famílias na primeira metade do século XVIII. A possibilidade de usar um garfo ficou conhecida no século XVII, mas não era comum até o século XVIII.

Novas formas de servir e cozinhar se tornaram mais conhecidas mas não foram adotadas pela classe média até que gradualmente se infiltraram nas tradições inglesas no século XIX.

O equipamento usado na hora da refeição teve uma importância muito grande na vida cultural material da classe média por duas maneiras:

- 1- Alguns itens mais atrativos e valiosos eram associados às refeições.
- 2- Algumas das mudanças no equipamento doméstico no início do século XVIII eram associados à comida e bebida.

Segundo o estudo feito por Lorna Weatherill, os requerimentos básicos para as refeições eram: uma faca, um prato, uma colher e um prato para servir. A classe média inglesa possuía mobília e equipamentos para refeições, mas ainda assim as refeições podiam ser realizadas sem mesas.

3.5.2. utensílios para o chá: a porcelana

Introduzido na Europa, vindo da China no século XVII, chá foi um dos muitos importados exóticos orientais que fizeram com que o oeste se fascinasse pelas coisas Orientais. O ato de tomar chá foi inicialmente favorecido por seu valor medicinal (aliviar dores de cabeça, curar febres e nervosismo) e era restrito a consumidores ricos o suficiente para suportarem seu elevado custo.

As importações legais de bebidas quentes na Europa, especificamente chá, feitas através da Companhia da Índias Orientais, tornaram-se muito mais comuns em 1750's, sendo assim, já era de se esperar que utensílios para essas bebidas se tornassem cada vez mais necessários.

Pelo fato dos comerciantes assegurarem uma oferta pronta e propagarem as virtudes do chá, a sua popularidade cresceu dramaticamente.

Devido à propagação do chá na Inglaterra, no século XVIII a população inglesa pôde se deparar com um aumento na disponibilidade de porcelana, "o tamanho, o formato e as cores azuis e brancas importadas do mercado médio tornaram-se padrão no século XVIII"²⁴. O ato de tomar chá transformou salas selecionadas do século XVIII em um espaço de "ritual" da casa, onde somente específicos tipos de mesas, bandejas e distintos tipos de artigos de prata, vidros e jogos de xícaras e pires eram julgados apropriados. Com isso, pode-se perceber as maneiras nas quais objetos materiais disciplinam a ação humana.

Na Inglaterra, com a importação de café e chá surgiram as casas de café (coffe houses). Essas casas tornaram-se centro de influência política, social e literária.

Como o ato de beber chá em casa tornou-se "moda", os anfitriões tinham orgulho de sua mesa de chá, seu bule de prata e sua frágil porcelana oriental azul e branca com xícaras, pires e outros equipamentos que tivessem prestígio adicionado assim como elegância no ritual da hora do chá.

²⁴ Weatherill, Lorna - *Consumer Behavior and Material Culture in Britain 1660-1760* Routledge, Londres, 1988 p. 41

Durante a hora do chá, as pessoas podiam focar, discutir negócios, cortejar, celebrar casamentos. Sendo assim, esse ato teve o poder de transformar a residência no centro de uma atividade ritual.

Os “tomadores de chá” também tinham que saber as regras de etiqueta própria: como segurar uma xícara, com quem se sentar, e como dar um sinal, silenciosamente, que não é mais desejado chá.

Como Rodris Roth²⁵ argumenta, o ato de tomar chá se propagou na sociedade como muitos outros atos elegantes (finos). Isso começou como um costume requerendo caros objetos e uma consciência de um “tempo de lazer”, mas foi logo imitado por indivíduos das classes mais baixas.

Na metade do século XVIII o ato de tomar chá foi assimilado por todos os níveis da sociedade americana; isso sugere que o poder do crescente “consumismo” derivou em parte da intenção da Cia. das Índias Orientais criarem uma demanda pelo gosto das tradições da aristocracia.

“The greatest mark of civility and welcome they can show you, is invite you to drink with them” (Abbé Robin enquanto visitava os Estados Unidos em 1781).

Portanto, segundo a análise dos estudos de Robert Blair St. George²⁶, pôde-se verificar que nos Estados Unidos chá era a bebida social preferida no século XVIII, servi-lo era um sinal de educação e hospitalidade e para bebê-lo havia maneiras distintas e equipamentos específicos. Nessas circunstâncias é importante considerar a bebida (chá) em termos da vida social e tradições dos Americanos.

Um acontecimento interessante que vale a pena ressaltar diz respeito ao “Boston Tea Party” (século XVIII - 1773), quando um grande número de americanos pararam de tomar chá como um gesto patriótico

²⁵ St. George, Robert Blair - “Material Life in America 160-1860” Northeastern University Press, Boston, 1988 p.439

²⁶ St. George, Robert Blair - *Material Life in, America 1600-1860* Northeastern University Press, Boston, 1988

CONCLUSÃO

Vários estudos já foram desenvolvidos procurando defender a idéia de que a produção é capaz de influenciar o consumo. Porém, a idéia principal aqui é procurar analisar os estilos de vida e costumes das pessoas, tendo o consumo dependente desses fatores, o que irá conseqüentemente influenciar a produção.

Partindo desse pressuposto, tanto a produção em si, quanto os próprios processos utilizados para a confecção dos produtos foram se moldando cada vez mais em função das mudanças nos costumes e necessidades dos indivíduos. Acontecimentos como a Revolução Industrial foram reflexos dos resultados dessas mudanças na produção, porém, muito já foi falado sobre esse assunto e, portanto, aparece apenas como “pano de fundo” no conteúdo dessa análise.

Todavia, a questão relevante dessa análise são os costumes da vida na corte, uma vez que esse grupo de indivíduos tinha capacidades para modelar a sociedade, porém, sem determinar mudanças em suas estruturas sociais.

A corte francesa foi tomada como foco de estudo pelo fato de ter sido inspiração das demais cortes européias dos séculos XVII e XVIII. Os hábitos de consumo desenvolvidos pelos integrantes das cortes espalharam-se para as demais classes sociais. Nesse aspecto, a análise dos costumes na corte tornaram-se cada vez mais importantes na medida que irão influenciar os costumes da sociedade como um todo. Essa situação irá caracterizar como as classes sociais são capazes de influenciar o consumo das famílias.

Outra forte variável que irá influenciar na decisão e necessidades de consumo, é saber se os indivíduos fazem parte da zona urbana ou rural, se a região é desenvolvida ou não e se a mesma é, ou localiza-se perto de uma cidade principal, como por exemplo Londres, na Inglaterra, onde as facilidades de acesso aos produtos e oferta dos mesmos foram maiores.

Se formos analisar com detalhes mudanças de hábitos das pessoas numa determinada sociedade, serão levantadas mudanças diversas nos aspectos físicos de suas habitações, na alimentação e formas de se vestirem. Essas mudanças, como já foi especificado por Bronner, “variam geograficamente e historicamente”, o que irá fazer com que surjam novas necessidades para suprir os diversos aspectos das mudanças.

Portanto, após toda a análise desenvolvida, nota-se que desde há três séculos atrás, as sociedades produtoras vêm se adaptando e se orientando cada vez mais no sentido do mercado ao invés da produção, ou seja, toda a produção é voltada para atender não só as necessidades das pessoas isoladamente, mas sim no composto da sociedade a que pertence.